

PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO NA ESCOLA PÚBLICA: percepções e possibilidades vivenciadas por professores de escolas públicas

Helena Cristina da Cruz Ruiz¹

Neusa Banhara Ambrosetti²

Eixo temático 10: Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo: No contexto das transformações trazidas ao trabalho dos professores pela pandemia de Covid 19, o presente estudo visou compreender como professores alfabetizadores de redes públicas dos anos iniciais do Ensino Fundamental atuaram para que seus alunos aprendessem na situação de ensino remoto, revelando os desafios encontrados por eles e as soluções desenvolvidas no enfrentamento desses desafios. Os procedimentos metodológicos apoiaram-se nas abordagens qualitativas de pesquisa, envolvendo seis professores de redes públicas de ensino, que atuam em três municípios situados no Vale do Paraíba paulista. Foram utilizados como principais instrumentos na coleta de dados a entrevista semiestruturada e a análise documental. Os resultados do estudo apontam que os professores consideram como maior desafio a pequena participação nas aulas onlides, a dificuldade das famílias em apoiar as atividades e a inadequação da formação para o ensino remoto. Revelam o grande empenho dos docentes em garantir o aprendizado de seus alunos, procurando superar as dificuldades do ensino remoto, buscando estreitar os vínculos com as crianças, bem como com os colegas, como forma de superar os desafios impostos pelo trabalho em condições desfavoráveis, sem a formação e o apoio necessários por parte das redes de ensino.

Palavras-chaves: alfabetização na pandemia; ensino remoto; professor alfabetizador.

Introdução

A pandemia e o isolamento social, a partir de março de 2020, causaram profundas

¹Mestranda do Mestrado Profissional em Educação da UNITAU. Professora convidada da Pós-graduação no curso Alfabetização: relações entre o ensino e a aprendizagem, no Instituto Vera Cruz, São Paulo. Contato: leninharuiz@hotmail.com

²Doutora em Psicologia da Educação. Docente do Mestrado Profissional em Educação da UNITAU. Contato: nbambrosetti@gmail.com

transformações nos mais diversos setores da vida da população, afetando diretamente a escola e os professores. A partir das primeiras medidas de prevenção, ocorreu a suspensão das atividades presenciais e fechamento das escolas. As expectativas de que esta condição seria temporária e logo voltaria ao normal se mostraram irrealistas.

A constatação de que o isolamento social poderia se estender por longo tempo e que a suspensão das aulas presenciais poderia redundar em agravamento das desigualdades na educação levou o Conselho Nacional de Educação a emitir o parecer CNE/CP nº 9/2020 (BRASIL, 2020), com orientações para os sistemas de ensino. No documento o órgão ressalta a preocupação com os anos iniciais do Ensino Fundamental, observando que as crianças nesta etapa encontram-se em processo de alfabetização formal, o que requer a supervisão de um adulto. O parecer afirma que cabe às redes de ensino e escolas a orientação das famílias, ao mesmo tempo em que reitera o papel do professor, profissional habilitado e responsável pela alfabetização.

Confirmando essas preocupações, observou-se o desafio das secretarias municipais de educação em assegurar que todos os alunos fossem contemplados de maneira remota, e a necessidade de dar continuidade ao ensino e à aprendizagem concomitante ao isolamento social. Este desafio é ainda maior em relação aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pela complexidade da tarefa de ensinar a ler e escrever e pelas dificuldades das redes públicas em oferecer estrutura material e tecnológica aos docentes e alunos. Pesquisa do Coletivo Alfabetização em Rede (RBA, 2020) visando compreender a situação de alfabetização de crianças no Brasil durante a pandemia de covid-19, envolvendo 14.730 docentes da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, revela as condições desiguais na realização do ensino remoto e aponta um possível agravamento da situação de ensino e aprendizagem no processo de alfabetização.

As investigações de amplo espectro trazem informações relevantes sobre a situação do ensino durante a pandemia. No entanto, consideramos importante ouvir os professores em estudos de caráter qualitativo, que permitam conhecer mais de perto o trabalho desses docentes ao terem que atuar nas condições de ensino remoto. O presente estudo visou compreender como professores alfabetizadores de redes públicas dos anos iniciais do Ensino Fundamental atuaram para que seus alunos aprendessem na situação de ensino remoto, revelando os desafios encontrados e as soluções desenvolvidas no enfrentamento desses desafios.

Certamente muitos professores conseguiram, em meio a tantos desafios e dificuldades, ampliar suas reflexões, concepções e lograr resultados no processo de alfabetização de seus alunos. Entendemos que ouvir e lançar luz sobre o trabalho destes professores pode mostrar possibilidades para o desenvolvimento de boas práticas de

alfabetização no ensino remoto e auxiliar na definição de políticas de apoio ao trabalho docente nas redes públicas de ensino em situações semelhantes.

2 Desafios para alfabetizar de forma remota

Estar alfabetizado, na definição de Emília Ferreiro, significa compreender o modo de representação da língua que corresponde a um sistema alfabético de escrita e seus usos sociais (FERREIRO, 2002 p.36). A pesquisadora argentina Délia Lerner contribui apontando que ser alfabetizado possibilita ao indivíduo exercer as diferentes práticas que caracterizam os leitores e os escritores, de maneira autônoma. Lerner aponta que na apropriação do sistema de escrita e a inclusão na cultura escrita, do ponto de vista educacional, didático e social, é interessante que os propósitos didáticos, sempre que possível, sejam aqueles utilizados nas práticas sociais reais na sociedade letrada nas quais todos nós estamos inseridos (LERNER, 2019). Considerando a língua um sistema discursivo no qual seu uso social, tanto escrito como oralizado, ocorre de maneira contextualizada na nossa sociedade, decorre daí aprendizagens muito específicas, sendo a primeira delas a compreensão e utilização do sistema de escrita alfabético pelos indivíduos.

O sucesso da alfabetização está estreitamente relacionado com as intervenções didáticas, muitas vezes individualizadas, e a interação entre os aprendizes. Se as primeiras dependem diretamente da formação, e autoformação, do docente, a segunda precisa do espaço de convivência e possibilidades de desafios e reflexões dos alunos, nessa pesquisa, crianças entre seis e oito anos de idade.

Essas observações remetem a uma das principais dificuldades em transpor as atividades didáticas presenciais para o ensino remoto. Segundo Charcsuk (2020, p. 5) o ensino remoto não pode ser entendido como uma modalidade educativa, mas como “uma ação pedagógica, na qual se processa certa transposição do ensino presencial para o ensino mediado por ferramentas digitais, predominantemente, ou pela proposição de apostilas e materiais impressos remetidos aos alunos”. A autora observa que a transferência do ensino presencial para o ensino remoto, em caráter emergencial, portanto sem tempo para um planejamento mais elaborado, e na ausência de referenciais teóricos específicos e pesquisas para a prática docente, pode ser problemática ao desconsiderar o papel de professores e alunos como sujeitos do processo de ensino e aprendizagem.

Ao discutir aspectos da alfabetização durante a pandemia Colello (2021) aponta que na maior parte dos casos o que ocorreu foi a transposição direta, da sala de aula para a casa ou outro ambiente, através de recursos digitais.

[...] muitos pais e professores partiram da ideia de que o primeiro deveria ser mera transposição formal das situações vivenciadas na escola. Com isso,

impuseram aos alunos longos períodos de permanência à frente do computador (períodos muitas vezes intensificados pelo tempo de elaboração de tarefas a serem postadas) [...] a preservação da mesma carga horária e do mesmo formato de aulas pouco levou em conta a adequação desse formato para a faixa etária. (COLELLO, p.146, 2021).

Ao se organizarem para os tempos de isolamento social sem consultar ou buscar a participação dos docentes, as redes de ensino negaram parte da autoria dos professores sobre o próprio trabalho. Este estudo procura revelar como professores alfabetizadores buscaram afirmar seu protagonismo nesse contexto.

3 Procedimentos metodológicos

Tendo em vista o objetivo do estudo, optou-se pela abordagem qualitativa de pesquisa, que permite compreender como um fenômeno se manifesta nas ações cotidianas, e os significados atribuídos pelos participantes às suas atividades (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

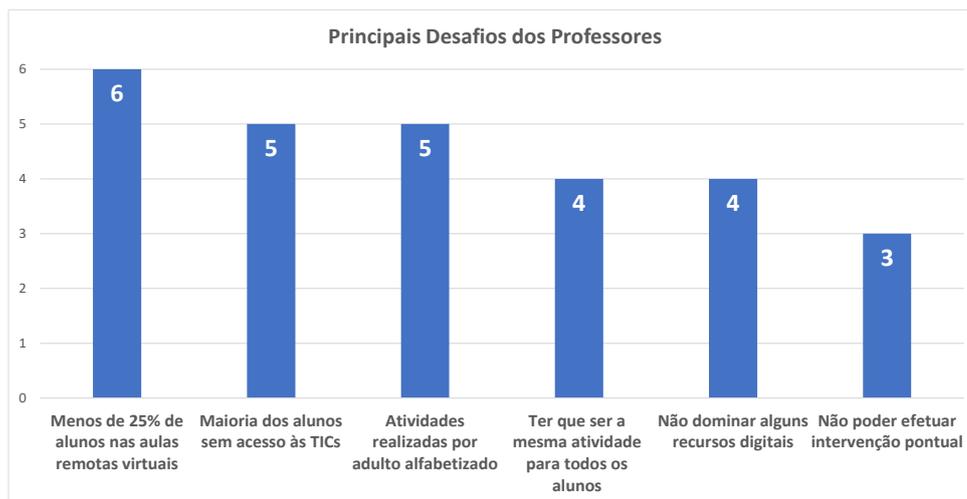
A pesquisa envolveu seis professores (cinco mulheres e um homem) de redes públicas de ensino de três municípios do Vale do Paraíba paulista, indicados pelas secretarias de educação, tendo como critério a excelência de seu trabalho. O recorte temporal situou-se na atuação do professor no ano de 2020 e nos primeiros meses letivos de 2021. Foram utilizados como principais instrumentos na coleta de dados a entrevista semiestruturada e a análise documental. As entrevistas foram orientadas por um roteiro flexível, abordando as percepções, desafios e possibilidades encontradas pelos professores com o intuito de manter a aprendizagem dos alunos em relação à alfabetização. Os participantes assinaram um termo de livre consentimento no qual foi firmado o anonimato dos mesmos, das informações e esclarecimentos que seriam fornecidos. Para assegurar o sigilo das fontes os docentes são referidos por letras, sem relação com os nomes verdadeiros.

A análise dos dados foi pautada pelas considerações de Franco (2008) sobre análise do conteúdo, considerando a frequência dos temas abordados e apontados pelos entrevistados. Após múltiplas leituras e organização das transcrições, num movimento entre os dados e os aportes teóricos que apoiam sua interpretação, emergiram os aspectos apresentados a seguir.

4 Alfabetizar na pandemia: o que dizem os professores

A análise de dados indica que os desafios enfrentados pelos professores têm sido enormes. Alfabetizar no ensino presencial consiste em um desafio que pressupõe interação, convivência, organização de uma rotina de trabalho, o que inclui a possibilidade de observar

e auxiliar individualmente um ou mais alunos, propor grupos que cooperam concomitante à gestão de classe. Reorganizar as situações de aprendizagens em ambiente virtual ou através de orientações impressas em atividades mostrou-se bastante complexo e as principais dificuldades encontradas pelos professores foram bastante variadas. Nos relatos das docentes foi possível identificar seus maiores desafios considerando o quanto o discurso se deteve em alguns temas, como demonstrado no quadro abaixo:



Quadro 1. Elaborado pelas autoras.

Os professores apontaram dificuldades dos alunos no acesso às TICs, resultando na baixa adesão às aulas online; apenas alguns acompanharam as atividades remotas. Outra dificuldade diz respeito à seleção de atividades que propiciassem avanços nos processos de alfabetização e à impossibilidade de intervenções pontuais. Os professores fazem alusão às preocupações com relação ao modo como foi organizado o trabalho remoto e mencionam angústia pelos alunos que não acessavam as aulas.

A participação da família na orientação das atividades das crianças foi outro aspecto problemático. Uma professora relata: “por mais que eu já houvesse explicado que era para deixar a criança fazer do jeito dela, o adulto interferia, todas as escritas vinham alfabéticas”. Mesmo as tentativas de realizar o diagnóstico da fase de escrita, através de vídeo chamada, não foi eficaz; a docente observou que os olhos dos alunos acompanhavam movimentos da pessoa que filmava, sua hipótese foi que os adultos soletravam as palavras. Os relatos confirmam as análises de Colello (2021) quando aponta as dificuldades na compreensão dos pais sobre sua atuação no apoio às atividades de ensino remoto e reafirma o papel do professor enquanto profissional responsável pela alfabetização.

Outro aspecto dificultador foi a formação dos docentes para o ensino remoto. Os depoimentos indicam que apenas uma professora considerou a formação oferecida pelas redes de ensino, no ano de 2020, adequada. O docente J resume sua opinião: “a secretaria

de educação só fez formação para o uso de tecnologias, isso não precisa, é só assistir aos tutoriais”. Complementou apontando que seria uma oportunidade de formação pedagógica com todos os docentes alfabetizadores, sobre as questões didáticas do ensino remoto. Os dados de pesquisas mais amplas corroboram as colocações dos entrevistados, como a pesquisa do Coletivo Alfabetização em Rede (2020), segundo a qual apenas 26% dos professores alfabetizadores analisaram como adequada a formação e orientação para uso das TICs.

Confrontados com esses desafios, os professores buscaram alternativas para superação das dificuldades. Um aspecto ressaltado pelos professores na busca de soluções foi a parceria com os colegas. A preocupação em assegurar as aprendizagens dos alunos e a ausência de um coordenador pedagógico parceiro transformou-se em reuniões auto-geridas. A professora L relata na entrevista:

[...] o que me animava era o trabalho em parceria que fomos construindo (eu, M. e D.), conversávamos incansavelmente pelo WhatsApp, compartilhando angústias e ideias, [...] era necessário nos vermos. Esses Meets eram muito gostosos e com bom humor e amor, [...] foram criadas a partir da necessidade de discutirmos o planejamento, compartilhar ideias e, sobretudo, as diretrizes da rede.

Os dados revelam também que as preocupações dos docentes vão além das questões pedagógicas do trabalho docente na pandemia, indicando que as professoras entendem a alfabetização de seus alunos como instrumento de inclusão social. Professores que atuam em escolas situadas em bairros com maior vulnerabilidade social ou na zona rural empenharam-se para evitar que a dificuldade de acesso dos alunos às TICs levasse ao abandono escolar, como relatado por uma docente de escola de bairro periférico e população de baixa renda:

Eu tinha contato com o grupo (de alunos) todos os dias pelo WhatsApp, porque pelo Google Forms não adiantava mesmo, então eu mandava recadinho, fazia muitas brincadeiras e dividia o planejamento mas, de verdade, a minha preocupação era que os alunos não abandonassem a escola [...]. (C)

O relato revela estreitamento dos vínculos com cada um de seus alunos foi a estratégia buscada pela professora e deveu-se à sua experiência naquela escola, situada em bairro de alta vulnerabilidade e índice de abandono escolar preocupante. Com um sorriso no rosto, a entrevistada informou que em sua turma nenhum aluno deixou de participar de suas interações até o final do ano de 2020 e não houve abandono da escola.

Outra docente, que atua em zona rural, relatou que lidar com a questão de tecnologia e aulas online, em região cujas famílias não têm acesso à internet gerou “[...] um conflito interno gigante, aquela sensação de estar alimentando a diferença, a distância do aluno entre

o que tem e o que não tem esse acesso”. Esta professora relatou uma ida emergencial ao hospital devido à sua angústia com o formato do ensino preconizado pela rede. Após esse dia passou a utilizar outros meios, como WhatsApp no período noturno e visitas às casas dos alunos para entregar atividades, com todos os cuidados necessários.

Os relatos dos participantes deste estudo revelam o grande empenho dos docentes em garantir o aprendizado de seus alunos, procurando superar as dificuldades do ensino remoto, buscando estreitar os vínculos com as crianças, bem como com os colegas, como forma de superar os desafios impostos pelo trabalho em condições desfavoráveis, sem a formação e o apoio necessários por parte das redes de ensino.

Os dados são coerentes com as análises de inúmeras pesquisas (Fundação Carlos Chagas, 2020) que apontam que a suspensão das aulas presenciais atingiu de forma desigual a população escolar, refletindo as desigualdades estruturais do país.

No cenário configurado a partir do relato dos professores fica explícita a importância da escola enquanto instituição que organiza rotinas, escolares e familiares. Os dados evidenciam que a escola e o professor ultrapassam as questões pedagógicas, são também promotores de desenvolvimento social e cultural.

5 Considerações Finais

A implementação de ações emergenciais, sem tempo e condições de considerar as dificuldade de acessibilidade e uso das ferramentas digitais, em realidades educacionais diversas, pode ter sido muito prejudicial ao processo de alfabetização. Como agentes da cidadania os professores articularam ações, estreitaram vínculos com as famílias, valorizaram a reflexão pedagógica coletiva com discussões de sua realidade, proporcionando à educação um momento de repensar as políticas públicas e a necessidade emergente de um trabalho de formação continuada em serviço, refletindo sobre situações didáticas potentes na alfabetização de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental e das crianças da Educação Infantil em situações remotas.

Está posto que manter o processo de alfabetização de maneira remota exige um grande empenho de escolas e, principalmente, dos professores. A atuação do professor alfabetizador tem caráter processual e contínuo, envolve processos de aprendizagem da leitura e da escrita, exige formação e reflexão entre profissionais, pesquisa, avaliação, reestruturação e replanejamento, intervenção pontual e coletiva, atividade individual e em grupos, e se constitui como um grande desafio das escolas públicas desse Brasil.

É preciso registrar o empenho e comprometimento dos professores alfabetizadores, que se reinventaram e criaram caminhos e encontros com seus alunos, fizeram da

preocupação uma ponte com seus colegas. Juntos optaram pela resiliência e confortavam-se ou compartilhavam as conquistas de atuar por mais de 15 meses remotamente.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 9, de 8 de junho de 2020**. Reexamina o Parecer CNE/CP nº 5/2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=147041-pcp009-20&category_slug=junho-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 18 maio 2021.

Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia covid-19. Relatório técnico (parcial). Revista Brasileira de Alfabetização n. 13, 2020. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/465>. Acesso em: 7 maio 2021.

CHARCSUK, S. B. **Sustentar a transferência no ensino remoto**: docência em tempos de pandemia. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 45, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/S7dGKjBx7Ch4FxCwVc93pVg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2021.

COLELLO, S.. **Alfabetização em tempos de pandemia**. Convent Inernacional, São Paulo (SP), n. 35. jan-abr, 2021. Disponível em: <https://silviacolello.com.br/alfabetizacao-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

FERREIRO, E. **La alfabetización de los niños en la última década del siglo**. Docência n. 17. Disponível em: <https://studylib.es/doc/8721437/la-alfabetizaci%C3%B3n-de-los-ni%C3%B1os-en-la-ultima-d%C3%A9cada-del>. Acesso em: 7 maio 2021.

FRANCO, M.L.B. **Análise do conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2008.

LERNER, D. **Entrevista da Comunidade Educativa CEDAC**. Revista Emília, n. 2, set 2019. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/uma-conversa-com-delia-lerner/>. Acesso em: 7 maio 2021.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

Retratos da educação no contexto da pandemia do coronavírus. Fundação Carlos Chagas, 2020. Disponível em: https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2021/02/Retratos-da-Educacao-na-Pandemia_digital_outubro20.pdf. Acesso em: 6 maio 2021.